

# Teoria crítica da informação no Brasil: a contribuição de Armand Mattelart

DOI: 10.3395/reciis.v3i3.285pt



*Carlos Alberto Ávila Araújo*

Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil  
casal@eci.ufmg.br

## Resumo

Neste artigo são identificadas algumas das principais idéias de Armand Mattelart que apresentam possibilidades de aproximações junto a questões tratadas pela ciência da informação. São destacadas, em particular, suas idéias vinculadas à análise ideológica dos materiais informacionais e à denúncia das desigualdades dos fluxos internacionais de informação (vinculada à teoria do imperialismo cultural), e sua crítica à noção de “sociedade de informação”. Verifica-se uma identificação entre essas idéias e aquelas das áreas de “informação social” e ação cultural, no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileiras. Como conclusão, ressalta-se a importância da postura do autor como intelectual crítico, em permanente oposição à figura do cientista positivista administrativo voltado exclusivamente para as questões técnicas e que busca resolver todas as tensões a partir do desenvolvimento dos aparatos tecnológicos.

## Palavras-chave

teoria crítica da informação; informação social; Armand Mattelart

## Introdução

Apresentar o pesquisador Armand Mattelart nos conduz à necessidade de contemplar tanto aspectos relacionados ao seu pensamento, às suas idéias expressas num grande conjunto de obras publicadas em diversas línguas, quanto, também, aspectos relacionados à sua biografia e sua inserção em diferentes frentes de atuação política e social. Nesse sentido, pode-se muito bem afirmar que falar de Mattelart<sup>1</sup> evoca prontamente a idéia de práxis, entendida como “um modo de agir no qual o agente, sua ação e o produto de sua ação são termos intrinsecamente ligados e dependentes uns dos outros, não sendo possível separá-los” (CHAUI, 2006, p.23).

Belga de nascimento, após concluir sua formação na Europa, Mattelart decide que gostaria de iniciar sua car-

reira de professor universitário na América Latina. Após considerar uma série de opções e convites, inclusive da Universidade Católica do Rio de Janeiro, opta por atuar como professor-pesquisador de Sociologia da População e Sociologia da Mídia Impressa na Universidade Católica do Chile em setembro de 1962. Nesse período, ocupou o cargo de Chefe da Seção de Investigação e Avaliação de Comunicações de Massa de Quimantu e foi também professor-pesquisador do Ceren, Centro de Estudos da Realidade Nacional, fundado em 1967 e ligado à Universidade Católica do Chile. Seus esforços, nesse momento, se voltaram para estudos sistemáticos dos produtos veiculados pelos meios de comunicação de massa (tanto o noticiário jornalístico quanto obras direcionadas para o entretenimento).

A partir de 1970 o Chile passa a viver uma realidade singular, com a eleição de um presidente socialista, Salvador Allende. A coligação “Unidade Popular”, contando com amplo apoio da população chilena, começa aos poucos a implantar um projeto de um país socialista em várias frentes de atuação. Uma dessas frentes se dá no plano da cultura e da educação. Mattelart se insere diretamente nessas ações, com papel de destaque em programas de reformulações dos meios de comunicação de massa e de elaboração de uma política nacional de informação e comunicação.

A produção intelectual de Mattelart nesse momento se vincula diretamente a análises que percebem a vinculação entre os produtos culturais e interesses econômicos, sobretudo a partir do momento em que passa a existir uma produção industrial destes produtos culturais – transformados, pois, em mercadorias, categoria cara à tradição marxista, com todas as suas implicações e desdobramentos: os processos de alienação e reificação, entre outros. Além disso, ele começa a refletir sobre a maneira como a produção dessa cultura estava centralizada nos países de primeiro mundo – sobretudo os Estados Unidos – cabendo aos países do terceiro mundo apenas a condição de consumidores destes produtos (reproduzindo-se, pois, uma outra idéia chave do pensamento marxista, a da divisão social do trabalho). Mattelart realiza aplicações singulares de pressupostos marxistas à análise da cultura, colocando, como conceito central para o entendimento dos produtos informacionais, a noção de ideologia. A informação, em lugar de ser estudada “em si mesma”, é compreendida articulada aos contextos políticos e econômicos nos quais é produzida e nos quais circula, constituindo-se tanto como elemento de dominação quanto como o elemento capaz de impulsionar o processo revolucionário. Entre os livros publicados nesse período pode-se citar “Los medios de comunicación de masas: la ideología de la prensa liberal em Chile” (1970, com Mabel Piccini e Michéle Mattelart), “Comunicación masiva y revolución socialista” (1971, com Patricio Biedma e Santiago Funes), “Agresión desde el espacio: cultura y napalm em la era de los satélites” (1972), “La comunicación masiva em el proceso de liberación” (1973) e “La cultura como empresa multinacional” (1973).

Em 1973, o golpe militar liderado pelo general Augusto Pinochet derruba o governo Allende. O presidente socialista suicida-se, o general torna-se ditador, desmancha o processo popular revolucionário e, entre outras medidas, expulsa Mattelart do Chile. O pesquisador belga, então, produz, em parceria com Chris Marker, um documentário intitulado “La Spirale” (apresentado no Festival de Cannes em 1976), sobre o período da Unidade Popular Chilena. Mattelart continua preocupado com a questão dos processos de dominação, por meio dos produtos culturais, na América Latina. Nesse período, ministra cursos e realiza pesquisas em colaboração com universidades da Argentina, do Brasil e do México. É no México, aliás, que publica, em 1976, em parceria com Ariel Dorfman, um livro que se torna um clássico: “Para leer el Pato Donald” (escrito, na verdade, em 1971).

## A análise ideológica da informação

Neste livro, Mattelart e Dorfman promovem uma verdadeira “dissecação” do conteúdo de um produto cultural extremamente difundido na América Latina: as histórias em quadrinhos protagonizadas pelos personagens criados por Walt Disney. Os autores mostram, por meio da análise das narrativas típicas e das caracterizações dos personagens e ambientes, como esse produto cultural, tido normalmente como uma inofensiva forma de entretenimento infanto-juvenil, atuava, na verdade, como um instrumento de dominação cultural, cristalizando determinadas formas de percepção do mundo e da sociedade, à maneira de um “conta-gotas simbólico”, para utilizar uma expressão de Bourdieu.

Apenas para exemplificar, cabe resgatar uma das principais denúncias apresentadas pelos autores: a forma como os diferentes povos do mundo são representados nas histórias Disney. Personagens apresentados como moradores de lugares fictícios como Aztecland, Inca-Blinca ou Inestablestán (DORFMAN & MATTELART, 1980, p.53) cercam-se de símbolos facilmente identificáveis com os dos povos mexicanos. Mas essa associação não é explícita, ela é, tal como a ideologia, um “ocultamento da realidade social” (CHAUÍ, 2006, p.23). Isso porque os personagens habitantes desses lugares são, via de regra, caracterizados como preguiçosos, pouco inteligentes, pouco criativos. As histórias não enunciam, claramente, a idéia de que os povos mexicanos são portadores dessas características. Elas sugerem, de forma inconsciente, a associação dessas idéias: de um lado, os moradores desses locais fictícios, com suas características de lentidão, de atraso; de outro, pequenos índices “inocentemente” acrescentados (mas cuidadosamente planejados) que caracterizam esses locais: burros, *siestas*, vulcões, cactus, sombreros enormes, ponchos, etc. Em suma: “É México para todos os efeitos de reconhecimento e desproporção marginal; não é México para todas as contradições reais e conflitos verdadeiros desse país americano” (DORFMAN & MATTELART, 1980, p.53).

A mesma estratégia, de associação entre personagens fictícios e povos reais, é executada em relação aos povos africanos. São apresentadas, em várias histórias, tribos com todas as características físicas dos povos africanos (a cor da pele, os traços faciais etc). A essas tribos estão sempre associadas características também de “atraso”: crenças em superstições infundadas, ignorância, incapacidade de trabalho organizado, aversão à tecnologia.

Ao mesmo tempo, os protagonistas das histórias, sobretudo os personagens Tio Patinhas, Pato Donald e seus três sobrinhos, claramente identificados com o norte-americano e com os valores e o modo de vida norte-americanos, são infalivelmente apresentados como seres representantes do “progresso”: são empreendedores, dinâmicos, criativos, honestos. Sua presença em terras distantes é sempre um privilégio para estas. Afinal, Donald e companhia sempre estão nos mais variados locais do mundo para resolver os problemas: ajudam a melhorar as colheitas, a expulsar os “ditadores” enganadores, a implantar novas tecnologias, a aperfeiçoar os hábitos de higiene.

A associação com a presença norte-americana nos países de terceiro mundo é evidente, contudo dissimulada pelo conteúdo “mágico” do universo Disney. Trata-se da revitalização, num estilo próprio, da velha mentalidade positivista da hierarquia entre os povos e da marcha unidirecional rumo ao progresso – este entendido não mais como a “erudita cultura européia das luzes” mas, sim, como o *american way of life* desenvolvido ao longo do século XX. Anos depois (como será visto no tópico seguinte), Mattelart retomará essa discussão na sua crítica das teorias difusionistas.

Há, ainda, nas histórias, uma constante exaltação do capitalismo, expressa principalmente na figura do Tio Patinhas. Primeiro, pela confirmação do “mito básico da mobilidade social no sistema capitalista”: “igualdade de oportunidades, democracia absoluta, cada criança parte do zero e acumula o que merece” (DORFMAN & MATTELART, 1980, p.102). As relações de classe são escamoteadas, sucesso e fracasso (econômico, social, etc) são sempre vistos apenas como resultado de ações individuais, de escolhas particulares, de esforço e de índole. Segundo, pela exaltação da “avareza” deste personagem como “sinal de sua predestinação para o êxito” (DORFMAN & MATTELART, 1980, p.102) – de uma maneira muito semelhante ao “espírito do capitalismo” identificado por Weber no estudo da ética protestante nos Estados Unidos do início do século XX.

Diversas outras temáticas poderiam ainda ser citadas, como a questão da sexualidade, o lugar da mulher, as relações familiares ou a figura de autoridade. Mas, para os propósitos deste texto, os exemplos acima são suficientes para ilustrar a maneira como se realiza a análise dos autores, e como o conceito de ideologia pode ser, então, operacionalizado para a análise dos produtos culturais.

## O imperialismo cultural

Um aspecto menos central em “Para ler o Pato Donald” diz respeito à extrema polarização entre os interlocutores do processo comunicativo relativo ao universo Disney: de um lado, emissores em processo industrial de produção de conteúdo; de outro, populações de vários países na condição passiva de consumidores informacionais. Esse aspecto, contudo, passará a ser central na produção de Mattelart nos anos seguintes, a partir principalmente de duas publicações: “Mass media, idéologies et mouvement révolutionnaire” (1974) e “Multinationales et systèmes de communication: les appareils idéologiques de l’imperialisme” (1976).

Nesse momento, Mattelart participa, junto com diversos pesquisadores (a maioria latino-americanos), de uma grande corrente de estudos posteriormente denominada Teoria do Imperialismo Cultural. O fenômeno identificado por estes autores constitui a ofensiva de natureza ideológica do imperialismo na América Latina, que substitui, gradualmente, a divisão do trabalho como meio de penetração imperialista. Esse imperialismo cultural tem por objetivo a “conquista de corações e mentes”, e se caracteriza por mudar de forma e conteúdo

de acordo com as fases de expansão política e econômica, e por se adaptar a diferentes realidades e contextos nacionais. O pano de fundo do desenvolvimento dessa teoria é a percepção de uma “luta internacional de classes”, a existência de uma guerra psicopolítica. Nota-se nesse momento tanto o aporte da noção de hegemonia, tomada do pensamento gramsciano, quanto da idéia de “aparelhos ideológicos” de Althusser.

Mattelart volta-se, então, contra as teorias em voga no momento, identificadas sob o rótulo de Teorias do Difusionismo. Tratam-se das teorias que preconizavam a necessidade de exportar o modelo de desenvolvimento dos países “avançados” para os países “atrasados” – o que se daria, no plano da comunicação e da informação, pela difusão maciça de conteúdos culturais, da substituição das formas informativas, artísticas e de entretenimento nacionais (isto é, produzidas pelos próprios países do terceiro mundo) por aquelas oriundas dos povos “modernos” e “civilizados”. Em suma, Mattelart denuncia o modo como a própria idéia de progresso (ou de modernidade, ou de desenvolvimento) converte-se em ideologia. Como explica Mattelart

*Para aceder a esse ‘progresso’, as sociedades atrasadas ou privadas do apoio das Luzes devem franquear os patamares sucessivos das eras ou dos estados da História. O caminho que leva a ele é uma linha recta, sem círculos fechados, sem desvios, sem retornos, sem regressões, sem entrecruzamento de caminhos já percorridos. A regra de ouro deste irresistível e ‘necessário’ movimento em frente é a imitação dos modelos de perfectibilidade representados pelas sociedades que já atingiram o estágio avançado: esta é a idéia que é teorizada, a partir do terceiro quarto do século XX, por uma certa abordagem antropológica conhecida pelo nome de difusionismo (MATTELART, 1996, p.106).*

Mattelart e os demais autores dessa corrente de estudos se prontificam a realizar análises que denunciam a forma como o projeto de uma “integração mundial” se dá a partir de trocas desiguais: as agências de notícias, por exemplo, sediadas em quatro países de primeiro mundo, tornam-se uma espécie de “filtro obrigatório” para a cobertura de todos os acontecimentos mundiais; a indústria cinematográfica articula os pólos de produção e distribuição, de forma a inibir as produções alternativas e locais. Especificamente Mattelart se volta, também, para o estudo dos crescentes financiamentos e subsídios militares e governamentais às indústrias culturais nos países do primeiro mundo, num momento em que o estudo da cultura, da informação e da comunicação cerca-se de uma dimensão estratégica e passa a ser visto como uma questão de “segurança nacional” (MATTELART & MATTELART, 1999, p.116).

Uma outra crítica se dá à doutrina do *free flow of communication*, defendida por setores da indústria cultural e da inteligência norte-americana. De inspiração liberal (do livre fluxo de mercadorias), a idéia preconizada é a de que os fluxos de informação e comunicação entre os diversos países do mundo deve ser completamente desregularizado, liberalizado – o que, na prática, como denunciam os teóricos do imperialismo cultural, significa que tais fluxos acabarão por serem ajustados pelo merca-

do, isto é, pelas forças desiguais dos países que ocupam diferentes posições no plano internacional.

Essa teoria resultou em diversas iniciativas teóricas e práticas. Uma delas se deu no plano da Unesco, quando essa entidade, em 1977, convocou uma comissão para o estudo dos problemas internacionais no plano da informação e da comunicação. Presidida pelo irlandês Sean MacBride, essa comissão estudou sistematicamente os desequilíbrios nos fluxos e elaborou sugestões de ações para a alteração dessa realidade. Seu relatório, em conjunto com diversos estudos publicados no período, propôs uma “nova ordem mundial da informação e da comunicação (NOMIC)” (MATTELART & MATTELART, 1999, p.120). Nos anos seguintes, contudo, vários fatores (a intransigência dos EUA sob o governo Reagan, o fechamento dos países do bloco socialista, disputas entre os países não-alinhados) acabaram por abafar as potencialidades deste debate. Por outro lado, iniciativas de rádios e TVs comunitárias, jornais operários, agências de notícias cooperativas, entre outros (inclusive na área de Biblioteconomia, como será visto no próximo tópico) aparecem como desdobramentos exitosos dessa iniciativa. A avaliação de Mattelart, assim, é positiva:

*Apesar desses limites, tais debates e os estudos por eles suscitados lançaram um grito de alarme sobre a troca desigual dos fluxos de imagens e informações. Nessa ocasião, fizeram-se ouvir as vozes dessa parte majoritária do mundo cuja realidade é muitas vezes conhecida por meio dos filtros dos estudos realizados pelos peritos dos grandes países industriais. Dominantes nos hemisférios internacionais, as referências da sociologia da modernização de origem americana foram, no decorrer da década de 70, substituídas pelas representações de desenvolvimento formuladas por aqueles que se faziam sujeito do próprio desenvolvimento (MATTELART & MATTELART, 1999, p.121).*

Não é à toa que o relatório da comissão da Unesco teve como título *Voix multiples, un seul monde*. A idéia de garantir, para os diferentes atores e países do mundo, um lugar de sujeito de produção de conteúdo informativo e comunicacional, vai aos poucos ganhando lugar central nas discussões. Mattelart destaca a importância das idéias latino-americanas nesse contexto, e cita, com destaque, o pensamento de Paulo Freire, “que exerceu profunda influência na orientação de estratégias de comunicação popular e alcançou difusão mundial” (MATTELART & MATTELART, 1999, p.119).

## Utopias e a sociedade da informação

Em 1983, Mattelart tornou-se professor catedrático de ciências da informação e da comunicação na Universidade Paris VIII. Ao longo da década de 1980 e na primeira metade dos anos 1990, realizou importantes trabalhos teóricos, em que correlaciona diferentes teorias e modelos de estudo sobre a comunicação e a informação. Nestes trabalhos, o autor reviu seus próprios pressupostos teóricos e epistemológicos, reconhecendo a importância e incorporando contribuições de pensadores vinculados aos estudos culturais, à etnometodologia, à fenomenologia, entre outros – sem, contudo, jamais deixar de ser um autor de inspiração crítica e marxista.

A partir da segunda metade da década de 1990, Mattelart se detém sobre questões relacionadas com o momento contemporâneo – as discussões sobre a globalização, o multiculturalismo, a pós-modernidade, a crise das utopias – sempre articulando, em suas análises, consistentes e exaustivas pesquisas históricas.

Um de seus livros mais importantes, nesse período, é “Histoire de la société de l’information”, lançado em 2001. Nele, Mattelart posiciona-se radicalmente contra os discursos apologéticos e otimistas contemporâneos, produzidos por autores como Drucker, Toffler, Negroponte e Lévy, que definem a sociedade atual como uma “sociedade da informação”, entendida como uma realidade recente e inevitável. Seu método de análise é muito rico: Mattelart recua ao século XVII para perceber, desde aquele momento, “a idéia de uma sociedade regida pela informação” (MATTELART, 2002a, p.11). Articula diversos fatos históricos e autores de várias correntes teóricas para evidenciar a montagem de um discurso sobre essa “sociedade da informação” (de que ela é uma realidade inexorável, justa, democrática) promovida por uma verdadeira “lâbia promocional” envolvendo proclamações oficiais, manifestos, estudos científicos e “semicientíficos”, que acabam por gerar, como efeito, a orientação de ações de governos nacionais (por meio de seus “programas de sociedade da informação”), de empresas, entidades, conduzindo para ações numa determinada direção, reforçando a crença no poder miraculoso das tecnologias da informação e, sobretudo, naturalizando uma realidade.

Mattelart observa que, na verdade, o discurso sobre a “sociedade da informação” é uma construção geopolítica, que possui uma dimensão ideológica (em que se vê que a dimensão histórica do fenômeno é, propositalmente, esquecida) e que ganha corpo no final do século XX com as teses sobre os fins (fim da história, fim das ideologias, fim das utopias, fim das classes, fim do político), com os projetos de máquinas inteligentes, com as promessas tecnológicas e a “maravilha” da internet e da cibercultura.

Mattelart começa sua “arqueologia” da sociedade da informação na idéia de algoritmo, em Leibniz, no século XVII. Passa pela idéia baconiana de uma “ciência útil”, pelo projeto de uma língua universal de John Wilkins, pela estatística e pelo projeto de gestão das multidões pelo cálculo de probabilidades (a “razão atuarial”), apenas para ficar em alguns exemplos.

Entre as várias análises do autor, vale recuperar a crítica que faz dos projetos de Otlet e La Fontaine. Mattelart critica a idéia normalmente aceita (e, na Ciência da Informação, celebrada) de que ambos são visionários trabalhando em prol de uma utopia da paz. Mattelart analisa as implicações ideológicas e geopolíticas por detrás das intenções mundializantes destes pesquisadores. Numa dessas análises, por exemplo, Mattelart mostra que “Mais ambicioso ainda, ele [Otlet] formula um projeto de ‘Sociedade intelectual das nações’ para disfarçar as lacunas da Sociedade das Nações” (MATTELART, 2002a, p.49). Noutro momento, analisa a noção

de “mundialização” destes autores, a idéia de “fazer do mundo inteiro uma única cidade e de todos os povos uma única família” (MATTELART, 2002a, p. 49): o projeto cosmopolita sempre parte de um padrão de referência, e esse padrão é sempre o europeu. Curiosamente, Otlet, na elaboração de um sistema universal de classificação, adapta um sistema já existente (a CDD de Dewey). O sistema de Dewey não pode ser usado, pois é contextualizado, é norte-americano. O dele não, é universal, válido para todos os povos.

A Teoria Matemática da Comunicação, de Shannon e Weaver, tida como o “prenúncio” (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995) da Ciência da Informação, ou sua primeira teoria (OLIVEIRA, 2005), também não passa despercebida por Mattelart, que vê, nesse projeto que se propõe como uma “teoria científica” (portanto, “neutra”) da informação, uma série de componentes ideológicos:

*Esse modelo mecânico, interessado apenas no condutor, remete a um conceito behaviorista (estímulo-resposta) da sociedade, perfeitamente coerente com o do progresso infinito que se difunde do centro para as periferias. [...] Quanto à noção de ‘informação’, ela logo se transformará em caixa preta, palavra-mestra, verdadeira, ‘Proteu da semântica’ saído da ‘caixa de Pandora dos conceitos imprecisos’ (THOM, 1974). E isso será facilitado ainda mais porque numerosas disciplinas as ciências humanas, desejosas de participar da legitimidade das ciências da natureza, erigirão a teoria de Shannon como paradigma (MATTELART, 2002, p.66).*

Nos limites deste texto não cabe explorar toda a riqueza dessa obra de Mattelart, mas apenas evidenciar como ela se coloca num lugar importante no seu pensamento. É a partir da análise das várias teorias da comunicação e da informação que Mattelart revê suas próprias posições, identificando, por exemplo, que sua leitura dos produtos informacionais, nos anos 1970, era muito rígida, monolítica, numa aplicação muito “dura” dos princípios marxistas, formulados para o estudo de fenômenos econômicos, à realidade dos produtos culturais.

Uma outra obra recente de Mattelart, e que mostra, mais uma vez, como esse pesquisador sempre se colocou, também, como um ator político, é seu livro “História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global”, lançado, não por acaso, em Porto Alegre, no ano de 2002. Sobre essa escolha, posiciona-se o autor:

*Sinto-me especialmente feliz por ver este livro publicado em Porto Alegre. Em primeiro lugar, porque, ao organizar o I Fórum Social Mundial, em janeiro de 2001, a cidade tornou-se um símbolo universal: o da crença de que um outro mundo é possível (MATTELART, 2002b).*

Nesta obra, Mattelart identifica e discute diversos projetos utópicos de diferentes naturezas (religiosos, artísticos, políticos, científicos) surgidos nos mais variados momentos da história da humanidade, apontando as contradições ideológicas de algumas das “utopias” contemporâneas (como o “tecnoglobalismo”, a “ideologia da sociedade managerial”, o “planeta CNN”, o “global” discutido nos fóruns de Davos, as “info-estradas”). Seu posicionamento final, reforçado por sua presença como conferencista no Fórum Social Mundial, confir-

ma seu compromisso com as lutas populares, com os movimentos de resistência, com o desvelamento dos discursos ideológicos, com a denúncia dos projetos de dominação, com a autonomia terceiro-mundista e o direito à diversidade.

## **Mattelart, biblioteconomia e ciência da informação**

É comum encontrarmos, nas periodizações da Biblioteconomia brasileira (CASTRO, 2000, p.29; RO-BREDO, 2003, p.86), a idéia de que ela se constituiu, do século XIX à década de 1930, sob a influência francesa (marcada por uma tendência humanista e erudita) e, deste período em diante, sob a influência norte-americana (priorizando as questões técnicas e a profissionalização da atividade).

Também é comum encontrarmos, nessas periodizações, a idéia de que a Ciência da Informação teria tido seu início, no Brasil, na década de 1970, a partir das ações do Ibict e de seu programa de pós-graduação (OLIVEIRA, 2005; PINHEIRO & LOUREIRO, 1995; RO-BREDO, 2003), com marcada influência de pesquisadores provenientes da Inglaterra e dos Estados Unidos, alguns dos quais atuaram como orientadores de pesquisas aqui no Brasil (como Saracevic, Lancaster, entre outros).

Da mesma forma, é possível encontrar, ainda, a identificação, a partir da década de 1970, de um ramo específico de desenvolvimento da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, construído sob uma terceira inspiração, em parte européia (francesa e alemã), em parte latino-americana. Esse ramo, ressalta-se, não se tornou o ramo hegemônico da área<sup>2</sup>, na medida em que a vertente de inspiração norte-americana, de natureza tecnicista, aliada à tradição anglo-saxã de uma ciência da informação voltada para o contexto científico-tecnológico, mantiveram sua condição de principal tradição do campo.

Esse ramo particular de manifestação, primeiro da Biblioteconomia e, mais tarde, da Ciência da Informação, é definido de várias formas. Uma das mais comuns é a de “informação social”, campo marcado “pela presença crescente dos movimentos sociais organizados” (CARDOSO, 1994, p.109) no Brasil. Na visão de Cardoso, pois, a emergência deste campo está diretamente relacionada com o contexto sócio-político nacional da época, com a redemocratização e a organização dos movimentos sociais que “colocam desafios interpretativos para a teoria sócio-política” (CARDOSO, 1994, p.109).

Nesse contexto, desenvolvem-se teorias sobre a informação (e sobre a biblioteca) não mais centradas nos seus aspectos técnicos, nos procedimentos e princípios de organização e tratamento da informação – temáticas como a democratização da informação, cidadania, exclusão e outras passam a fazer parte da agenda de estudos. Ao mesmo tempo, a área define como seus principais pressupostos: a historicidade dos sujeitos, a totalidade dos fenômenos sociais e a tensionalidade constante presente na sociedade – categorias explicitamente marxistas.

Surtem, assim, diversos estudos que privilegiam classes sociais marginalizadas ou excluídas da informação, como as empregadas domésticas (AUN, 1994), os operários (CABRAL, 1995), as donas de casa (EGGERT, 1994). Diversas iniciativas de ações concretas também se desenvolvem, como os trabalhos de extensão bibliotecária, de serviços de caixa estante, de bibliotecas comunitárias, de centros populares de documentação, de carros-biblioteca e das bibliotecas públicas; muitas das quais também contempladas nas pesquisas acadêmicas (ex: DUMONT, 1990).

Nesse momento uma grande fundamentação destes estudos é o conceito de “ação cultural” (FLUSSER, 1983), que amplia a definição de cultura, de um conjunto de objetos, artefatos, “coisas” feitas pelo homem, para incorporar também a visão de mundo e o conjunto de práticas sociais (COELHO NETO, 1989). Os trabalhos inspirados por esse conceito buscam, exatamente, desmistificar os elementos ideológicos inseridos nos vários discursos de “promoção” da cultura (da transmissão da herança cultural), relacionando-os com as práticas sociais em que esses discursos emergem. Há uma clara inspiração, também aqui, no pensamento de Paulo Freire, principalmente quando se pensa na ação cultural como instrumento de libertação, contra a idéia de domesticação ou de assujeitamento. Junto a isso, pensa-se a prática profissional não mais sob a égide de um “fazer técnico, portanto neutro”, mas como um fazer necessariamente político.

Nos anos seguintes, essa área passa a ocupar também espaço na Ciência da Informação, quando a ênfase “se desloca do eixo da ‘biblioteca’ para a ‘informação’” (REIS, 2007, p.19). Mais uma vez observa-se a preocupação em vincular os estudos a desdobramentos concretos, com o claro intuito de que “estas reflexões possam se concretizar como ação, pensando-a como práxis”, numa perspectiva que acredita, pois, “ser necessário considerar a informação além do seu recorte estritamente técnico” (REIS, 2007, p.26).

Contemporaneamente, a Ciência da Informação tem considerado, sobretudo, aspectos ligados à exclusão digital, como parte da agenda de pesquisa de natureza marxista no campo (SILVEIRA, 2001; SORJ, 2003), preocupando-se, ainda, em avaliar e criticar as maneiras como a idéia de “sociedade da informação” vem sendo adotada (WERTHEIN, 2003).

Nos trabalhos de toda essa área é possível perceber uma aproximação muito grande entre as idéias de Mattelart e aquelas desenvolvidas no âmbito dos estudos em “informação social”: a análise ideológica dos produtos informacionais; a denúncia do desequilíbrio nos fluxos e no acesso à informação; a informação entendida tanto como elemento de dominação quanto de resistência. Porém, o que se pode efetivamente perceber é que a incorporação explícita de Mattelart nos estudos da área de informação, no Brasil, é ainda bastante tímida – a despeito da proximidade teórica que o autor tem com uma parte considerável do campo.

Mas é exatamente aí que entra uma questão: a da configuração da área de “informação social” em relação à

totalidade do campo. Como a maior parte da Ciência da Informação, pelo menos no Brasil, está voltada para as questões técnicas e tecnológicas da informação, a contribuição de idéias oriundas de um pensamento crítico como o de Mattelart acaba se tornando muito reduzida.

A outra questão é que, diferentemente do que ocorre na França e em outros países, no Brasil comunicação e informação construíram caminhos distintos em sua formalização acadêmica. E, nesse processo, Mattelart acabou por ficar mais identificado com a área de comunicação, na qual é, aliás, muito citado (VANZ & CAREGNATO, 2007), sendo muito pouco conhecido na Ciência da Informação.

## Conclusão

Em um de seus trabalhos mais importantes, o livro “Histoire des théories de la communication”, Mattelart argumenta, na conclusão:

*[...] nesse trajeto, certas questões sobre a relação entre os intelectuais e a sociedade se apagaram. A crise das utopias e das alternativas atingiu a noção de trabalho crítico. Todos os que trabalham com a mídia encontram-se hoje afetados pelo positivismo administrativo, por esse novo utilitarismo estimulador da pesquisa de ferramentas epistemológicas que permitam a neutralização das tensões via soluções técnicas (MATTELART & MATTELART, 1999, p.185-186).*

Recentemente, os pesquisadores da linha de pesquisa em Informação, cultura e sociedade do Programa de pós-graduação em ciência da informação da UFMG publicaram um livro em que debatem uma série de questões sobre as perspectivas futuras destes estudos (os desafios metodológicos, a questão da significação, os desafios da sociedade da informação, a inclusão digital, a questão da leitura), considerando, essencialmente, o conjunto de conhecimentos que vêm sendo produzidos na história dessa linha (REIS & CABRAL, 2007). Entre os principais desafios levantados, destacam-se o do próprio lugar da teoria – e, conseqüentemente, do pesquisador. Em tempos de grande cobrança, por parte das agências reguladoras e do poder público, de critérios de produtividade dos cientistas, estes tendem, cada vez mais, a se distanciarem de sua realidade social e de seu posicionamento crítico – em suma, da própria idéia de práxis. Nesse sentido, é sempre oportuno ter em consideração a pessoa de Mattelart – tanto o teórico quanto o militante, como fonte de inspiração e de fundamentação.

No momento em que se realiza, no Brasil, o Colóquio Mediações e Usos de Saberes e Informação, na perspectiva de um diálogo entre o Brasil e a França, mostra-se extremamente pertinente evocar o pensamento de Mattelart – um pensamento que, tal como este colóquio, coloca-se num outro lugar que não a influência hegemônica do pensamento positivista e instrumental da “information science” anglo-saxã.

Como conclusão, parece bastante adequado retomar mais uma passagem de Mattelart. No mesmo livro dedicado às teorias da comunicação, escrito com Michèle Mattelart, o autor destaca, num certo momento, a importância de Wright Mills, intelectual norte-americano que

apresenta uma crítica radical à “sociologia de burocrata ou de funcionário da inteligência” (MATTELART & MATTELART, 1999, p.55) em voga no meio acadêmico e científico norte-americano da época, cooptado para o esforço de guerra dos EUA. Os Mattelart indicam que Mills insurgiu-se contra uma ciência social que “perdeu toda a intenção reformadora e desviou-se para a engenharia social” e, para reverter esse quadro, propôs um “retorno à ‘imaginação sociológica’, título de uma de suas obras, publicada em 1959” (MATTELART & MATTELART, 1999, p.55).

Talvez o que falte nesse momento para a Ciência da Informação, em tempos de crise das utopias, dos projetos políticos e mesmo dos projetos de inclusão e democratização informacional; com projetos voltados para uma dimensão essencialmente técnica, à maneira mesma de uma “engenharia social”; e com leituras muitas vezes apenas instrumentais da atuação da área e dos profissionais por ela formados; seja engajar-se na proposta de construção de uma “imaginação informacional”. Para, então, sem deixar de lado a crítica ideológica e a desconfiância dos discursos sobre o momento contemporâneo, reencontrar-se com as possibilidades da utopia e fazer-se, então, práxis.

## Notas

1. O presente artigo insere-se no âmbito de uma pesquisa sobre a epistemologia da ciência da informação a partir de alguns de seus principais teóricos. A escolha dos teóricos estudados se deu a partir de resultados obtidos em duas pesquisas realizadas com pesquisadores brasileiros do campo (ARAÚJO et al, 2007a; ARAÚJO et al, 2007b).

2. Tanto é assim que muitos trabalhos que descrevem a história da área, tanto no Brasil (como os já citados OLIVEIRA, 2005; PINHEIRO; LOUREIRO, 1995; ROBREDO, 2003) quanto no exterior (SARACEVIC, 1996; INGWERSEN, 1992; MIKSA, 1992; CAPURRO, 2003) não fazem qualquer menção à existência de uma teoria crítica da informação.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, A. M. Novas possibilidades em informação popular. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 20(1): 23-41. jan./jun. 1991.

ARAÚJO, C. A. et al. A ciência da informação na visão dos professores da ECI/UFMG. *Perspectivas em Ciência da Informação*; 2007a, v. 12(2):3-22.

ARAÚJO, C. A. et al. A Ciência da Informação na visão dos professores e pesquisadores brasileiros. *Informação & Sociedade*. Estudos; 2007b, v. 17(2): 110-127.

AUN, M. No lar sem coroa: o tempo invadido, a informação rarefeita (estudo da relação das empregadas domésticas com a informação e a leitura). *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, jul./dez. 1994, v. 23(2): 153-166.

CABRAL, A. M. A vez a voz das classes populares em Minas. Tese (Doutorado em Comunicação). São Paulo: USP, 1995.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 5., 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

CARDOSO, A. M. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, jul./dez. 1994, v. 23(2):107-114.

CASTRO, C. História da biblioteconomia brasileira. Brasília: Thesaurus, 2000.

CHAUÍ, M. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO NETO, T. O que é ação cultural. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DORFMAN, A.; MATTELART, A. Para ler o Pato Donald. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

DUMONT, L. A ação do carro-biblioteca ou o desafio de se incentivar o gosto pela leitura em comunidades de baixa renda. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, mar. 1990, v. 19(1): 24-38.

EGGERT, G. Fontes de informação e a questão de gênero no cotidiano da mulher (dona de casa). *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, jul./dez. 1994, v. 23(2):167-188.

FLUSSER, V. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, set. 1983, v. 12(2):145-69.

INGWERSEN, Peter. Conceptions of information science. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Eds). *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. Londres, Los Angeles: Taylor Graham, 1992, p. 299-312.

MATTELART, A. A invenção da comunicação. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

MATTELART, A. História da sociedade da informação. São Paulo: Loyola, 2002a.

MATTELART, A. História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

MATTELART, A.; MATTELART, M. História das teorias da comunicação. São Paulo: Loyola, 1999.

MIKSA, F. Library and information science: two paradigms. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (eds). *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. Londres, Los Angeles: Taylor Graham, 1992, p. 229-252.

NEHMY, R. M. Q.; PAIM, I. Repensando a sociedade da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, jan./jun. 2002, v.7(1):9-21.

OLIVEIRA, M. Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. *Ciência da Informação*, 1995, v. 24(1).

REIS, A. Informação, cultura e sociedade no programa de pós-graduação em ciência da informação: contrapontos e perspectivas. In: REIS, A.; CABRAL, A. (Orgs). *Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas*. Belo Horizonte: Novatus, 2007, p. 13-28.

REIS, A.; CABRAL, A. M. Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas. Belo Horizonte: Novatus, 2007.


ROBREDO, J. Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, jan./jun. 1996, v. 1(1):41-62.

SILVEIRA, S. A. da. Exclusão digital: a miséria na era da informação. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

SORJ, B. **Brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Unesco, 2003.

VANZ, S.; CAREGNATO, S. A constituição do campo da comunicação no sul do Brasil a partir da prática de comunicação científica discente. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 7, 2006, Marília-SP. *Anais...* Marília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2006 1 CD-ROM.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n.2, p. 71-77, maio/ago. 2000. 

## Sobre o autor

### *Carlos Alberto Ávila Araújo*

Carlos Alberto Ávila Araújo é professor adjunto da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG). É doutor em Ciência da Informação, mestre em Comunicação Social e jornalista. Atua nas áreas de epistemologia da Ciência da Informação, estudos de usuários da informação e biblioteca escolar. É editor adjunto do periódico *Perspectivas em Ciência da Informação*.